

QUANDO NOVOS PERSONAGENS ENTRARAM EM CENA

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição 2001ⁱ.

Cátia Franciele Sanfelice de Paulaⁱⁱ

Em seu livro “Quando novos personagens entraram em cena”, Eder Sader faz uma análise dos movimentos populares de São Paulo, do período de 1970 – 80, demonstrando como esses movimentos sociais produziram um novo sujeito coletivo. A expressão “novo sujeito” designa um sujeito criado a partir da prática política e social. Também como fruto de ações de indivíduos que em um dado momento histórico “*passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas*”ⁱⁱⁱ. A expressão “novo sujeito” ainda se relaciona ao fato de que embora coletivo, não está preso a organizações ou instituições determinadas que os organizem, como as igrejas, os sindicatos e as esquerdas.

A defesa à autonomia dos movimentos sociais em relação a política institucionalizada, leva não somente a constituição de um novo sujeito social, mas a novos lugares para o exercício da política e a novas práticas diretamente relacionadas a vontades e interesses dos próprios sujeitos. Por outro lado, além de abordar os novos sujeitos sociais, Sader realiza uma análise do que ele chamou de “instituições em crise”. O autor se referir à igreja, aos sindicatos e as esquerdas, e como precisaram encontrar novas vias para reatar relações com os novos sujeitos, a partir do surgimento de novos discursos e práticas por parte desses. Isso ocorre segundo o autor, devido à falta de representatividade de tais instituições relacionada aos problemas vivenciados pelos sujeitos no período.

No entanto, Sader discute que a autonomia dos movimentos sociais analisados é limitada tendo em vista que, embora surjam como movimentos independentes, mobilizados, e que possuam um caráter antagônico ao do Estado, em certa medida há certo grau de dependência a ele. Um exemplo

disso é quando reivindicam seus direitos sociais. Esses direitos se tornam instrumentos para que a classe subalterna por meio de movimentos reivindicatórios amplie as suas condições de vida, não levando, portanto, a lutas por transformações, mas sim, em lutas por reformas.

A ampliação das condições de vida reivindicada pelos movimentos sociais, aparece como lutas que tem como preocupação resolver os problemas mais imediatos. Nesse sentido, a autonomia desses movimentos fica restrita a visão de mundo que possuem, pois ao reivindicarem, mesmo se colocando contra a ordem estabelecida, esses movimentos acabam por estabelecer uma relação entre direitos sociais e capitalismo, direitos sociais e Estado, já que em certa medida esses direitos dependem dele.

A preocupação do autor se volta a analisar não as estruturas econômicas, sociais e políticas, mas as experiências populares. É a partir do desenvolvimento de novas práticas e da politização do cotidiano criadas pelos novos sujeitos, que os mesmos são analisados. O espaço da casa tido como um espaço burguês e somente de reprodução da força de trabalho se apresentou para Sader como um espaço privilegiado para a compreensão de como os trabalhadores davam sentidos e significados a sua realidade. E é a partir desse espaço que o autor desenvolveu seu estudo com o objetivo de compreender como determinados sujeitos sociais se tornaram agentes no processo de reelaboração política, se organizando e reivindicando questões que eram de seus interesses.

O livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo é realizada uma abordagem sobre qual é a linguagem dos movimentos sociais, de que lugares falam e quais valores eles defendem, além de chamar a atenção para a função dos movimentos sociais e o modo como se constituíram. Ainda é apresentada algumas discussões teóricas que nortearam o trabalho do autor através do diálogo com alguns autores como Thompson, Max Weber, Castoriadis, Karl Marx entre outros. O segundo capítulo traz uma abordagem sobre as experiências da condição proletária em São Paulo no período estudado, as condições de existência dessas populações e os modos pelos quais os trabalhadores experimentaram suas condições de vida.

No terceiro capítulo, é feita uma análise sobre os discursos que procuraram interpretar as experiências dos novos sujeitos: das comunidades

de base, da esquerda em crise e do chamado “novo sindicalismo”. E no último capítulo o autor faz uma abordagem de quatro movimentos sociais examinando a reelaboração das experiências dos trabalhadores e a configuração de novos padrões de ação coletiva: o Sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, a Oposição metalúrgica de São Paulo, o Clube de mães da periferia Sul de São Paulo e as “Comissões de Saúde” da periferia leste.

A emergência dos movimentos sociais estudados por Sader acontece num período em que a ditadura com seu poder de controle e dominação levavam a subestimação da capacidade de resistência dos trabalhadores. E o elemento novo que surge com os movimentos sociais nos anos 70, embora esses movimentos já possuíssem uma trajetória histórica, eram seus modelos de organização distintos dos parâmetros tradicionais, o que demonstrava uma ruptura com as formas de organização ligadas aos sindicatos e partidos. Nos anos 70 o que se tem são formas de organizações sociais não institucionalizadas, o que implicou se voltar diretamente ao confronto da institucionalidade.

Esse processo por sua vez permitiu a atribuição de novos significados as vivências cotidianas e as formas não institucionalizadas de organização. Nesse sentido, Sader procurou estudar e compreender os movimentos sociais através de uma análise que prioriza as dimensões mais da ação e do movimento dos sujeitos, do que de esquemas e análises predeterminadas que aprisionam as possibilidades de compreensão da realidade vivida por eles. O fato de esses sujeitos ter iniciado formas de organização e atuação política é apontado pelo autor como uma falta de representação, alguém que pudesse atendê-los em seus direitos e necessidades.

Diante disso, a iniciativa de atuação política só é tomada quando precisam reivindicar algo. O fato de necessitarem de determinados benefícios impulsionaram os sujeitos a se organizarem. A necessidade material se colocou como o elo entre os sujeitos que adquiriram consciência sobre suas situações e, a partir daí organizaram-se em torno de suas lutas. Nesse sentido, a formação de classes na sociedade demonstra as desigualdades sociais e econômicas presentes na realidade. Quando essas classes não possuem representação, elas mesmas buscam meios para reivindicar seus interesses.

Sabendo, no entanto, que uma classe se forma a partir de adquirir consciência em relação as situações que os sujeitos vivenciam, faz-se necessário entender o que são os movimentos sociais. E um dos pontos na obra de Eder Sader para a compreensão dos movimentos sociais, é claro, na contramão da visão do autor, se encontra no segundo capítulo. O autor trata das experiências da condição proletária, os modos pelos quais os trabalhadores experimentaram suas condições de vida, especificamente quando trabalha a questão da ressocialização dos migrantes vindos para São Paulo.

O autor trabalha esse fato como um processo de “desenraizamento” ao se referir as pessoas que deixaram seus lugares de origem e vieram para São Paulo. E embora o autor possua uma visão funcionalista ao descrever esse processo, nos leva a reflexão de como os sujeitos que compõem os movimentos sociais precisam ser compreendidos e analisados. Ao partir de uma discussão sobre “desenraizamento”, o autor visualiza o espaço como um espaço dado e não como fruto de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. E os sujeitos são pensados apenas na perspectiva da aceitação do novo lugar sem ser levado em consideração às questões que os constituem.

Nessa perspectiva, a interação do sujeito ao novo lugar não é considerada. Desta forma, não se desconsidera o estranhamento dos migrantes ao novo lugar, nem tampouco seus sentimentos de perda em relação a ele. Porém, não basta apenas uma análise funcionalista dos sujeitos que compõem os movimentos sociais. É necessária uma análise que permita compreender como esses sujeitos agem tendo em vista que os espaços e lugares não são prontos. Ou, partir dessa perspectiva é perder de vista toda interação e ação que os sujeitos possuem nos lugares em que vivem, é negar ao sujeito sua condição de sujeito histórico.

Essa visão funcionalista do autor sobre os movimentos sociais se coloca como um dos limites de sua obra. Isso nos leva a um exercício de reflexão sobre a constituição dos movimentos sociais, quais são suas práticas, sua ideologias, o que seus projetos sociais anunciam e o que querem responder com seus projetos. Voltamos então aqui, a questão já apontada anteriormente, de saber qual é o caráter desses movimentos sociais: a luta por reforma ou por transformação?

Uma possibilidade está em renunciar a visão funcionalista do processo de constituição dos movimentos sociais. Para isso faz-se necessário interpretar os espaços de reprodução da força de trabalho dos trabalhadores não apenas do ponto de vista do capital, mas de sujeitos que interagem nesse processo, podemos afirmar que os movimentos sociais não devem ser tratados nem como reformistas, nem como revolucionários. O que está colocado em relação aos movimentos sociais é perceber os sujeitos que os compõem em sua subjetividade. Nesse sentido, numa visão materialista, os trabalhadores precisam ser vistos como sujeitos que agem e interagem no processo histórico.

O desenvolvimento das forças capitalistas faz nascer contradições na sociedade que geram diversos conflitos e disputas. Os movimentos sociais por sua vez, devem ser entendidos dentro desse campo de conflitos. Isso nos permite pensar não a estabilidade da classe, nem tampouco a concebemos numa visão funcionalista, mas interpretá-la a partir de sua processualidade histórica. Desse modo, o sentido da história não deve ser buscado em conceitos predeterminados quando estudamos os movimentos sociais. Eles surgem independentemente de nossa vontade, sem regras e padrões.

E é exatamente essas características que os tornam interessantes de serem estudados, pois eles fogem de modos equacionais, onde a regra é analisar os trabalhadores como sujeitos históricos, que tratam suas experiências através de seus referenciais. Embora derrotados, como apontado por Sader, os trabalhadores vem demonstrando suas formas de resistência. Isso permite que se percebam os significados atribuídos por eles em relação as suas condições de vida e de trabalho.

Isso fica evidente no trabalho do autor principalmente quando ele aborda a experiência de mulheres dos clubes de mães, explorando as percepções dessas mulheres e interpretando-as em relação o porquê iniciaram sua organização. Os relatos sobre os motivos que as levaram a se organizarem demonstram justamente o significado que elas atribuíam às suas organizações. O importante, é que, os motivos que as levavam a organização num primeiro momento apresentavam-se como corriqueiros. No entanto ao se encontrarem com outras donas de casa, ao falar sobre assuntos familiares, como uma busca de alternativa para fugir da rotina do dia-a-dia, acaba por tomar uma dimensão maior. A partir das reflexões coletivas realizadas pela leitura de trechos do

Evangelho e de sua contraposição com a realidade vivida que os encontros possibilitavam foi possível a essas mulheres uma “releitura” das próprias condições de vida.

A implicância disso foi a produção de uma visão crítica em relação aos problemas que antes eram pensados como naturais e privados e, que passaram a serem vistos e encarados como problemas sociais. E a partir daí, as discussões realizadas tomavam forma de ações e reivindicações para fora dos clubes. O resultado foram mobilizações e lutas concretas em torno de questões como, por exemplo, pela coleta de lixo e, o surgimento de um outro movimento, o movimento do custo de vida.

A partir desse movimento, os clubes de mães organizaram uma pesquisa sobre a alta dos preços de artigos básicos consumidos pelas famílias de trabalhadores. O objetivo era expor suas más condições de vida e reivindicar através de um abaixo-assinado dirigido as autoridades que esses realizassem um controle do custo de vida através do aumento de salários, e de escolas e creches para seus filhos. Dessa forma “*o movimento ia tecendo uma ligação entre o mundo do cotidiano e o da política*”^{iv}. O movimento do custo de vida acabou crescendo e tomando uma dimensão maior pelo protesto social, pela capacidade de organização e pela importância dada pela população à reivindicação levantada. No entanto, o movimento não mostrava progresso em relação a sensibilização das autoridades.

Porém, a avaliação que o autor realiza sobre esse movimento demonstra que o mais importante que a proposta que o movimento possuía e que não se realizou, foi a avaliação que os sujeitos que compunham o movimento fizeram da situação e principalmente os significados que eles atribuíram. Ao politizarem os problemas que afetavam o cotidiano, puderam perceber e revelar os profundos problemas implicados nessa politização: o momento político que não era propício a manifestações, a não sensibilização das autoridades às reivindicações, as dificuldades em nível da participação do povo e, também a dimensão que tomaram as reivindicações, o que implicavam alterações radicais nas diretrizes políticas e econômicas.

Estas questões por sua vez foram importantes no sentido de que a partir de uma experiência coletiva através do movimento social foi possível emergir uma nova idéia de política. No entanto, não uma idéia de política já elaborada,

mas criada pelos novos sujeitos, pois as elaborações até então instituídas não lhes serviam. Embora não saindo vencedoras, a experiência que tiveram as mulheres ao valorizarem a sua participação na luta por seus direitos, foi determinante para a constituição de um movimento social que desnaturalizasse suas condições de vida. E mais que isso, demonstrou suas formas de resistência, como perceberam as situações que vivenciavam e, os significados que atribuíram no processo de luta por melhores condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos limites observados na obra do autor refere-se à visão funcionalista sobre os movimentos sociais. Por outro lado, esse elemento de limitação permite um exercício de reflexão sobre a constituição dos movimentos sociais, quais são suas práticas, suas ideologias, o que seus projetos sociais anunciam e o que querem responder com seus projetos. Ajuda-nos ainda a refletir sobre o fato de que no contexto atual os trabalhadores precisam ser vistos como sujeitos que agem e interage no processo histórico. Por isso a importância em valorizar suas percepções e subjetividades acerca da realidade que vivenciam.

Já sobre esse aspecto, a obra analisada tem por mérito identificar a importância de interpretar os significados atribuídos pelos trabalhadores em seus processos de luta e resistência. Ao analisar os movimentos sociais surgidos da década de 70, Sader possibilita pensarmos sobre os processos de constituição e de luta dos trabalhadores no período atual. Ao destacar questões cotidianas e, a partir delas problematizar como os sujeitos sociais na década de 70 iniciaram a politização do meio social, instiga-nos a investigação e a compreensão sobre a importância de considerarmos as formas de organização e de luta dos trabalhadores no tempo presente.

NOTAS

¹ Eder Sader nasceu em São Paulo em 7 de agosto de 1941 e faleceu em 21 de maio de 1988. Foi um sociólogo brasileiro e militante político. Foi perseguido pela ditadura militar (golpe de 64) e exilou-se no Chile de 1971 à 1973 e, em seguida na França no período de 1974 à 1979. Ao regressar ao Brasil tornou-se docente de sociologia da USP e um dos fundadores do

Partido dos Trabalhadores. A presente resenha é a reedição de uma importante obra para o estudo dos movimentos sociais no Brasil.

ⁱⁱ Mestre em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

ⁱⁱⁱ SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80/ Eder S. Sader. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, página 10.

^{iv} Idem, pág. 15.